

Maria de Fátima Alves da Silva

Memória, respeito, construção e luta

O professor Erlando da Silva Rêses, da Revista *Universidade e Sociedade*, entrevistou Fátima (Maria de Fátima Alves da Silva), da Secretaria do Sindicato Nacional, para prestar uma homenagem ao tempo de trabalho que ela dedicou ao Sindicato. Fátima deixa o cargo de secretária administrativa no meio do ano, período em que acontece o 63º CONAD, em Fortaleza.

Universidade e Sociedade: Fátima, começamos com uma pergunta bem simples: quanto tempo você ficou neste cargo de secretária aqui no ANDES?

Maria de Fátima Alves da Silva: Estou aqui na ANDES e no ANDES - Sindicato Nacional há algum tempo. O registro que eu tenho na carteira de trabalho é do dia 24 de abril de 1984, data em que fui registrada pelo Sindicato dos Professores no Distrito Federal. Essa contratação tinha por intuito um trabalho de sindicalização dos docentes da Universidade de Brasília. A sede do SINPRO-DF era aqui no Setor Comercial Sul, na Quadra 3. Hoje, o ANDES-SN tem sua sede também aqui no SCS, só que na Quadra 2. No dia 25 de abril de 1984, eu me dirigi para a UnB, *campus* da Universidade de Brasília, onde funcionava a ADUnB e a ANDES. No entanto, eu não pude começar o meu trabalho naquele dia, porque o *campus*

da Universidade de Brasília estava fechado pelas tropas militares, em razão das medidas de emergência comandadas pelo General Newton Cruz. Era o período da votação das Diretas Já, da medida conhecida como Dante de Oliveira. Foi o meu primeiro susto em Brasília. Eu estava há quatro anos sem trabalhar, em razão do nascimento das minhas filhas. O meu último emprego tinha sido no governo do Estado do Ceará, na Secretaria de Agricultura do Estado. Na verdade, eu nunca tinha trabalhado em sindicato. Então, fiquei muito assustada naquele dia, quando eu não pude desenvolver minhas tarefas, e liguei para o SINPRO. Foi então que a chefia do sindicato me pediu para que eu retornasse para o SCS até que as coisas se acalmassem e eu pudesse começar o meu trabalho lá na UnB. E naquele período, eu trabalharia para três entidades: SINPRO-DF, ADUnB e ANDES.



US: É mesmo? Essas entidades se misturavam, é isso? Professor da Educação Básica, professor da Educação Superior...?

MF: Isso. Exatamente. Porque a ANDES era uma associação, não era sindicato; então, tinha essa parceria com o SINPRO. Em razão da falta de condições financeiras, tanto da ADUnB quanto da ANDES, as entidades não tinham verba para contratar um funcionário. E nessa parceria, o SINPRO me mandou para lá e aí eu desenvolvi esse trabalho como *pró-labore*. Foi mais ou menos nessa linha esse trabalho.

US: Conte-nos um pouco mais sobre essa história. O que você quiser, é claro, dessa passagem no ANDES, o seu papel nisso. Daquilo que você conseguir lembrar sobre a sua função na área administrativa.

MF: Quando iniciei o meu trabalho, como falei inicialmente, lá na UnB, era um trabalho de sindicalização, que, na verdade, eu não consegui desenvolver, em razão do grande número de tarefas que nós tínhamos naquela época. Na ADUnB, em razão do reitor daquela época, que era o Azevedo (José Carlos



O trabalho dos professores era feito sob grande repressão por parte da administração da UnB e do governo militar como um todo. A diretoria da ADUnB e a diretoria da ANDES tinham uma pequena sala e eu comecei, a partir dali, a ajudar a produzir os boletins que eu mesma distribuía no *campus* da Universidade de Brasília, convocando para assembleia.

de Azevedo), não podia sequer colocar placa na sua sede, porque não era permitido. Então o meu trabalho era mais de uma auxiliar, vamos dizer assim, porque não existia uma administração como temos hoje na ADUnB e no ANDES-SN. O trabalho dos professores era feito sob grande repressão por parte da administração da UnB e do governo militar como um todo. A diretoria da ADUnB e a diretoria da ANDES tinham uma pequena sala e eu comecei, a partir dali, a ajudar a produzir os boletins que eu mesma distribuía no *campus* da Universidade de Brasília, convocando para assembleia. E para a ANDES, o trabalho que eu fazia era ajudar também na elaboração e reprodução de documentos. Na época, o presidente era o Luiz Pinguelli Rosa.

US: Quem era o grupo dirigente?

MF: O secretário geral da ANDES era o Newton Lima Neto e o presidente da ADUnB era o professor Antonio Ibanez Ruiz.

US: Sim, o Antonio Ibanez foi reitor da UnB entre 1989 e 1993.

MF: Uma pessoa, por sinal muito querida, que tem um grande significado e tive um grande aprendizado com ele naquela época. Então, meu trabalho, basicamente, era organizar a ADUnB e a ANDES e seguiram ali, uma entidade do lado da outra. As assembleias da ADUnB, os CONADs e os congressos da ANDES estavam sempre ali, interligados naquelas discussões. A ANDES, como falei anteriormente, não tinha sede e os seus diretores vinham para Brasília e ali se reuniam para fazer o seu trabalho político. O meu trabalho basicamente foi esse.

US: Eu vi até uma publicação que veio da ADUnB que tem a sua história no marco dos anos de 1970, fim dessa década, porque era uma das associações que está nesse bojo dos 40 anos de algumas Seções Sindicais do ANDES-SN no Brasil. É o livro 'Sonho e Realidade'. Nós temos o livro aqui no Centro de Documentação do ANDES-SN - CEDOC e ele nos mostra um pouco dessa história que você nos conta muito bem. E como você vê então o significado do Sindicato Nacional para os professores? Que importância você vê no sindicato?

MF: Eu sempre conto para as pessoas que eu não tinha experiência. Como eu falei anteriormente, eu não tinha experiência em trabalhar em sindicato e a ideia que eu tinha de sindicato era de pessoas que se juntavam pra fazer greve, só greve. Claro, existem ainda os sindicatos chamados pelegos, né? Que estão aí por conta da contribuição sindical, que agora está no cenário da reforma trabalhista.

US: E quanto à burocracia sindical, o que você acha?

MF: Mas quando eu cheguei na ANDES, eu vi um trabalho muito bonito. Nós temos, por exemplo, uma experiência que sempre resalto para as pessoas, que foi a produção de documentos para a Constituinte, onde os textos produzidos pelo ANDES-SN eram maravilhosos. Você apresentava propostas para a Constituinte, via algum deputado constituinte e, aí,



eu vi a importância de trabalhar com aqueles professores. Hoje, se você pegar os relatórios de CONADs e congressos, eles vêm com essa mesma história de luta que eu participei ali com os professores, construindo propostas para Ciência e Tecnologia, para Política Educacional, para Saúde... Então eu vi a riqueza e a importância de trabalhar num sindicato como o ANDES, que, na época, era uma associação. Vi uma riqueza de documentos, de conhecimento que, para mim, que vinha do interior do Ceará, sem esse conhecimento, era uma coisa maravilhosa.

US: Então, você passou a entender que sindicato não era somente para fazer greve... [risos]

MF: Conheci a história, a luta e tive outra visão. A partir daí, eu mudei a minha visão do que era um sindicato de respeito. Um sindicato que lutava pela categoria. Foi ali que eu conheci tanto a luta da ADUnB em âmbito local quanto a luta da ANDES em âmbito nacional, o que foi muito importante para a minha formação política.

US: Estou percebendo que você tem firmeza com relação à compreensão dos princípios e organização do ANDES. Isso realmente nos deixa muito felizes, porque é complicado quando a gente tem, nesse processo, alguém que de repente não consegue entender o sindicato para dar respostas

satisfatórias, mas estamos vendo que você teve uma grande apropriação sobre a história do ANDES. Então, para você, qual o sentimento que é trabalhar em um sindicato de professores?

MF: Eu sempre falo para as pessoas que os funcionários do ANDES-SN saem bem preparados para trabalhar em qualquer outro lugar, a partir do que desenvolvem aqui. Se o funcionário quiser, ele tem a riqueza do conhecimento da política, do conhecimento da defesa da universidade, dos princípios que o ANDES-SN defende. Tive oportunidade de participar da elaboração de relatórios e de caderno de textos, não como uma tarefa burocrática, mas por interesse de saber da história, da luta e do que cada um pensa. Seja a proposta da situação, seja da oposição à diretoria, para mim tudo traz acréscimo aos conhecimentos.

“ Eu sempre falo para as pessoas que os funcionários do ANDES-SN saem bem preparados para trabalhar em qualquer outro lugar, a partir do que desenvolvem aqui. Se o funcionário quiser, ele tem a riqueza do conhecimento da política, do conhecimento da defesa da universidade, dos princípios que o ANDES-SN defende.

US: Então, o ANDES propicia ampla formação...

MF: Sim, um grande aprendizado. Os funcionários do ANDES saem preparados, cada um na sua formação profissional, na sua tarefa, no seu cargo, seja como secretário, seja como auxiliar de serviços gerais etc. Em qualquer tarefa que se desenvolva dentro do sindicato, ele sai preparado politicamente e até como ser humano também, porque aqui você vê realmente a defesa da categoria, da luta do trabalhador, e isso é muito rico para nós.

US: O que foi para você passar esse tempo todo convivendo com diferentes diretorias? Em cerca de 30 anos, você deve ter pego umas 13 diretorias.

MF: Sim, para mim, as diretorias que passaram aqui, independente das suas ideologias políticas, ideologia de cada diretor, são algo que fica registrado como muito bom para a minha vida nesses anos todos. Seja qual for a diretoria, a tendência política, eles sempre respeitaram o meu trabalho. Sempre respeitaram a minha experiência para avançar na organização do sindicato, na organização da luta, porque eu

“ O interessante é que essa luta envolve o trabalhador como um todo, porque eu sempre percebo que essa luta do ANDES-SN não é só no contexto da universidade. É uma luta geral. A defesa das etnias... A cada hora nós temos uma coisa para lutar. Vejo como muito importante e eu sou uma pessoa otimista. Ainda vamos melhorar.

sempre falo para as diretorias: ‘vocês podem ter uma plataforma política bem preparada, mas se vocês não tiverem essa base administrativa também como suporte, não vai mudar, não vai ser muito fácil’. A diretoria pode até desenvolver, mas não vai ser fácil. Então eu passei, tive diretoria de situação, de oposição, posso ter uma pessoa que não concordou muito com meu modo de trabalho, mas eu lhe digo que o meu trabalho foi respeitado durante todos esses anos. Seja lá na UnB, na ADUnB, seja aqui na ANDES e no ANDES-SN, eu reconheço que meu trabalho foi respeitado e que deixo uma semente também e espero que ela seja regada e melhorada, porque acho que tudo o que nós fazemos na vida vem alguém que pode melhorar. Eu não sei tudo, eu vejo às vezes uma forma,

resolvo alguma coisa administrativamente do sindicato que eu vejo que não deu certo, aí eu penso: ‘não vou fazer da próxima vez assim’ e assim é na nossa vida cotidiana e particular. Muitas vezes, fazemos algumas coisas que se acha que vai dar tudo certo com aquela resolução, ideia, e lá na frente você percebe que não deu certo e que não era bem aquilo. Então, eu considero isso muito importante e agradeço muito a todas as diretorias, às pessoas que estão ainda no movimento, às pessoas que já foram e que não posso citar nomes, porque são muitos, aos meus colegas de trabalho, que estão no dia a dia do sindicato ou que já estão em outras batalhas da vida... [se emociona]

US: Sua memória lembra bem da importância dessas pessoas na sua vida e no trabalho...

MF: São pessoas muito queridas na minha vida. Acho que eu consegui construir um grande ciclo de amigos, de pessoas que eu pude compartilhar o meu aprendizado e espero que tenha ficado uma boa semente para que elas cresçam. É isso.

US: Com certeza. Eu queria que você nos dissesse um pouco do seu desejo acerca do sindicato, com a representação que tem em torno dos docentes das universidades federais, estaduais e municipais, da educação básica, técnica e tecnológica, no contexto político atual. Como você vê a relação do sindicato com a conjuntura atual?

MF: O momento político atual não é fácil; nunca foi. A impressão que eu tenho é que a luta tem sido intensa e as coisas não têm melhorado. Eu digo que elas não têm melhorado, mas eu acredito na luta do movimento sindical. Eu acredito, eu creio que nós ainda vamos ter um país melhor para os meus netos. Essa luta é permanente. E vejo que o ANDES-SN é um protagonista importante na defesa da Universidade. Acredito, inclusive, que se não fosse essa luta permanente, a universidade pública não existiria mais. É lá que estão as lutas, os cientistas que não têm uma remuneração à altura das suas pesquisas e do seu trabalho, que estão ali com a sua bandeira, com o seu pensamento crítico, na defesa da universidade pública. O interessante é que essa luta envolve o trabalhador como um todo, porque eu sempre percebo que essa luta do ANDES-SN não é só no contexto da universidade. É uma luta geral. A defesa das etnias...

A cada hora nós temos uma coisa para lutar. Vejo como muito importante e eu sou uma pessoa otimista. Ainda vamos melhorar.

US: Então, para finalizar, se você quiser falar mais alguma coisa, fique à vontade...

MF: Tá. Eu saio com uma pequena frustração do sindicato. A primeira é que eu acho que eu deveria ter construído ao longo desses anos algo para deixar escrito, como, por exemplo, como lidar com o dia a dia da administração do sindicato, que não é fácil. Não é fácil, mas é glorioso. É muito bom. Eu saio não por divergências, mas porque eu acho que, em nossas vidas, temos que terminar alguns projetos e iniciar outros. Eu tenho outros projetos, projetos pessoais que eu quero ainda aproveitar um pouco, coisas bem prazerosas da minha vida familiar. Curtir mais a minha vida, porque a minha família foi o suporte para que eu pudesse desenvolver o meu trabalho no ANDES-SN. Se não fosse a minha família, o meu companheiro, as minhas filhas, eu não teria desenvolvido tudo isso ao longo desses anos. Outra coisa que eu espero é que nosso Centro de Documentação seja um espaço de consulta, um espaço da história, da memória do ANDES-SN, que realmente ele seja colocado a serviço dos professores, dos pesquisadores e da população como um todo. Quem sabe um dia eu venho visitar. [risos]

US: Oh, que lindo, Fátima! Olha só, nós queremos dizer a você uma palavrinha final: como é bonito e como é interessante ver a sua afabilidade. Como você é querida por várias pessoas dentro deste sindicato. Eu, com pouco tempo que estou inserido nele, já pude perceber isso com muita tranquilidade. Primeiro, o respeito que tem a sua pessoa, exatamente por causa dessa memória, dessa história que você construiu de conhecimento, enfim, de relações que você manteve com diferentes diretorias, com diferentes professores; então isso te dá, assim, um poder inigualável acerca do conhecimento do sindicato. Eu percebo o quanto as pessoas recorrem a você pra saber determinada coisa. Eu mesmo já recorri, claro. Porque aquela informação é muito preciosa no sentido de dar andamento, dar uma funcionalidade para o sindicato em âmbito administrativo. E vejo que, na verdade, como vai ser bom se isso ficar registrado por escrito. Talvez a gente possa se empenhar nesse

aspecto contigo, de você realmente registrar isso em uma publicação. Porque nós, temos uma funcionalidade dentro do sindicato, nós que estamos na diretoria, em torno de uma palavra que é muito constante, que se chama acúmulo. Você já deve ter ouvido demais essa palavra. Nós falamos da palavra acúmulo exatamente pra sabermos o que nós já temos de decisões, deliberações, de aspecto político dentro do sindicato. Eu, por exemplo, transitando pelo CEDOC, vi resoluções congressuais de um determinado período em publicação do sindicato. Eu até já defendi em diretoria pra que possamos construir um novo caderno, mostrando as resoluções. O pessoal achou que poderia ficar algo muito longo, muito volumoso. E eu vejo que você faz muito bem esse papel de trazer pra nós esse chamado acúmulo que a gente tem no sindicato. Portanto, nós – não é pretensão minha, mas eu quero falar assim: em nome de várias pessoas, quiçá em nome de todo o sindicato – agradecemos muito por essa sua passagem, essa sua história, a construção que você promoveu neste sindicato. Então, fica este registro, Fátima, em respeito à sua memória, em respeito ao seu trabalho desenvolvido e em respeito à pessoa de Maria de Fátima.

MF: Muito obrigada. Muito obrigada mesmo. **US**